

PERSONAGENS:

Eurico

Ostiário

Juliano, conde de Septum

Tárique

Hermengarda

Abadessa

Pelágio

Soldados godos, árabes, cavaleiros, monjas, mulheres e crianças.

Na Península Ibérica. Século VIII.

PRIMEIRO ACTO

Antes de começar a primeira cena, ouve-se o som do vento e das ondas do mar.

I CENA

Nos arredores de Carteia; penhascos à beira-mar.

No cimo dos penhascos, Eurico, com a sua túnica branca ondeada pelo vento, olha atentamente para o mar.

Entra o Ostiário.

Ostiário - Que noite esta, Cristo ! A terra, envolta no seu manto de ~~de~~ escuridade, parece povoada de terrores incertos - e este vento ! O grito da ave nocturna é como uma blasfémia de quem não crê no Santo Nome de Deus e o bater das ondas parece um ameaçar de assassinos. Esta é uma noite para qualquer homem estar recolhido na sua morada dormindo tranquilamente ! (Olhando à sua volta.) Presbítero ! Presbítero ! (Vê Eurico no cimo dos penhascos e chama.) Eh lá, sacerdote de Cristo, desce desses penhascos !

Eurico olha para o ostiário e começa a descer os penhascos.

Ostiário - Enquanto o povo repousa, tu trepas a estes precipícios fitando o oceano. Presbítero, até os santos precisam de dormir umas poucas de horas por noite.

Eurico (Já ao pé do ~~ostário~~ Ostiário.) Eu não sou um santo, mas um homem.

Ostiário - Em Carteia encontrarás todos os homens adormecidos em suas casas numa noite como esta, junto das suas famílias.

Eurico - Eu não tenho família - e desprezo esse povo ignorante, para quem a noite é cheia de terrores: o sopro do vento e o rugido do oceano ! (Pausa.) Deixa que os outros descansem, bom ostiário: o seu repouso está a chegar ao fim.

Ostiário - A hora vai adiantada.

Eurico - Não me refiro a esta noite: em breve toda a terra da Ibéria lançará um grito de dor, vendo ameaçada a sua Cruz divina, pela qual correu já o sangue de tantos mártires !

Ostiário - És um sacerdote estranho que dizes e escreves estranhas palavras... Que faz um homem como tu numa cidade caída na decadência, como Carteia ? Outrora os seus estaleiros eram famosos... - hoje trata-se de uma cidade mesquinha, onde a população te olha com espanto.

Eurico - Também eu me espanto de mim próprio e tenho horror às minhas afirmações.

Ostiário - De noite vagueias sozinho pelas praias olhando insistentemente para as costas fronteiras de África... e antes do alvorecer, quando os outros homens se erguem para os trabalhos rurais, está sempre acesa a luz da lâmpada no presbitério: Eurico, o presbítero, escreve - e o povo supersticioso tece a sua lenda: artes criminosas, trato com o espírito mau, penitência de uma abominável vida passada...

Eurico - Ah, o meu passado ! Então, sim, eu ^{era} era um santo.

Ostiário - Tudo serve para explicar o teu misterioso procedimento. Só eu, velho ostiário, que tenho por funções abrir e fechar o templo, sei que Eurico busca no mar inspiração e à luz da lâmpada nocturna escreve cânticos religiosos, alguns deles de tal modo bellos que foram admitidos na catedral de Híspalis. Quem não conhece na Ibéria os belos hinos ao Senhor, escritos por um certo Eurico desconhecido ?

Eurico - Se tu soubesses com que amargura eu escrevo esses hinos...

Ostiário - Parecem vir de uma alma que o mundo, a um tempo, repele e chama; de uma alma cheia de amor e de maldições. Há nas tuas palavras mais cólera que bondade.

Eurico - Como queres tu que eu não me encolerize, vendo a que estado chegou a perversão moral no império visigótico ? Raça dos godos conquistadora da Ibéria, que pela tua força e coragem subjugaste toda esta Península, em que degradação te vejo cair cada dia que passa ! As virtudes civis e o amor da pátria já não reinam nos peitos com o antigo ardor; a espada de dois gumes foi trocada pela taça, pelos risos e pelo luxo com que hoje a nobre Toletum quer imitar Roma ou Constantinopla. Aos combates contra os inimigos da

pátria seguiram-se as traições covardes que trouxe consigo a guerra civil; uma geração degenerada pisa o resto dos heróis. Ai império godo, que peito fiel não se meterá em cólera olhando-te de face ?

Ostiário - Presbítero, não sabes o que dizes. Não ficam bem essas palavras na boca de um servo de Deus: aprende com este mar e estes penhascos a ter no peito a humildade de quem aceita os desígnios do Senhor. Acusas os outros e esqueces-te de ti.

Eurico - Mas eu soffro. Enquanto todos dormem ou se enchem de vinho, eu mantenho-me atento à dor da minha alma.

Ostiário - Poder-te-ia dizer que o sofrimento só por si não basta, mas creio que isto seria uma blasfémia. (Pausa.) Vem, presbítero. Pouco falta já para o amanhecer: é preciso que descanses antes do serviço matutino.

Eurico - Não posso dormir, não quero. Hoje não.

Ostiário - Oh, talvez os habitantes de Carteia não se enganem: talvez tenhas um pacto com o diabo ! Rápido passa o sorriso nas tuas faces, mas profundas são as rugas do teu rosto: que segredo inconfessável tentaste esquecer ao vestires essa túnica de sacerdote ? Que voz tentaste calar, quando do pórtico do templo lançaste ao mundo a tua despedida ? Mas foi em vão: o desespero está agarrado a ti com uma fatalidade sufocante... não há palavras para descrever a tua agonia, sacerdote de Cristo !

Eurico - Cala-te ! Que sabes a meu respeito ? Não estendo eu a mão a todos aqueles que vêm ter comigo amargurados ? Não se misturam as minhas lágrimas com as suas ? Que mais quereis de mim ?

Ostiário - Sinceridade, meu filho.

Eurico - Ah, tudo menos isso !

Ostiário - Tens medo - mas de que tens tu medo: do céu ou do inferno ?

Eurico - Cala-te - não me deixará o mundo em paz ?

Ostiário - Não, porque tu o amas e odeias demasiado.

Eurico - O que eu quero é esquecê-lo.

Ostiário - Esquecer, diz antes, aquela que te amou de menos.

Eurico (Espantado.) Quem me traiu ?!

Ostiário - Foi pela tua boca que eu soube a verdade. Certo domingo encontrei-te adormecido junto à lâmpada ainda acesa do presbitério... - pois da tua boca ~~saíram~~ saíram algumas palavras.

Eurico (Pouco à vontade.) Ah, eu falava ? São sempre extravagantes os meus sonhos. Delírios, loucuras...

Ostiário - Tu dizias com uma voz repassada de dor: "Perdida para sempre, nada mais me resta... oh, tão formosa e gentil, que tão pouco me amou..." O teu aspecto era terrível.

Eurico (Assustado.) Tu sabes...

Ostiário - Só sei, meu pobre Eurico, que as tuas paixões são imensas e que jamais podem morrer, pois tudo quanto é imenso é eterno. Nem no sepulcro encontrarás a paz. A eternidade será para a tua alma uma prisão de horrores. Ao cabo da estreita senda da Cruz, acharás o passado que te dirá: "É inútil continuares a fugir: eu estou aqui". (Pausa.) Eurico, estás condenado.

Eurico - Não o estou sózinho: cada um à sua maneira, todos nós nos encontramos sem salvação possível - esta noite... oh, tu não sabes nada !

Ostiário - Agora sim, creio que deliras.

Eurico - Loucos ! Dorme, Carteia ! Festeja a tua decadência, Toletum ! Império godo, os teus dias foram contados !

Ostiário - Que maldição lançaste sobre a terra que te viu nascer ?!

Eurico - Eu ? Tivesse eu poderes para tanto, e talvez a amaldiçoasse; mas não sou eu; são os outros, os árabes.

Ostiário (Horrorizado.) "Os árabes" ? Esses povos terríveis que pretendem apagar da terra os vestígios da Cruz ?

Eurico - Eles possuem uma crença nova e estão além, abre os olhos: nas costas fronteiras de África.

Ostiário - Os árabes !

Eurico - Quem sabe se não lhes foi confiado o castigo desta nação corrupta ?

Ostiário - Deus Nosso Senhor não permitirá que os infiéis pisem a terra santa da Ibéria !

Eurico - Deus já o permitiu.

Ostiário - Que dizes, presbítero ?

Eurico (Pegando no ostiário por um braço.) Sobe comigo ao cimo destes penhascos: verás a terra santa da Ibéria ser violada por aqueles que a nossa fraqueza ■ presente tornou ousados.

Começam a subir os penhascos. A meio, Eurico pára.

Eurico (Em tom confidencial.) Ostiário, escuta que te dou a minha palavra: se o dia de morrer é chegado para a terra em que nasci, eu morrerei por ela. No dia do combate, Eurico despirá a túnica do sacerdócio e vestirá as armas para defender a sua pátria e o seu Deus. Acreditas-me ? (O ostiário não lhe responde.)

Continuam a subir. No cimo dos penhascos, param.